

# NIETZSCHE, VIDA E IDEAL ASCÉTICO

*José Carlos Silva Rocha Costa\**

**RESUMO:** O presente artigo tem como finalidade investigar a concepção de vida proposta por Nietzsche em momentos específicos de sua obra. Analisaremos o conceito de vida entendida como luta sem trégua, que não aspira à conservação, mas à máxima potência, ao crescimento e à intensidade. Por outro lado, analisaremos o conceito do ideal ascético como negação da vida em sua estrutura dinâmica, ou seja, a negação do conflito inerente ao mundo, e, conseqüentemente, a negação de si.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ascético. Genealogia. Luta. Vida.

## NIETZSCHE, LIFE, AND THE ASCETIC IDEAL

**ABSTRACT:** This article aims to investigate the conception of life proposed by Nietzsche in particular moments of his work. We will analyze the concept of life understood as a relentless struggle, which does not aspire to conservation, but to maximum power, growth, and intensity. On the other hand, we will analyze the concept of the ascetic ideal as negation of life in its dynamic structure, that is, the denial of the conflict inherent to the world and, consequently, the denial of the self.

**KEYWORDS:** Ascetic. Genealogy. Struggle. Life.

---

\* Mestrando em filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atua como professor da disciplina de filosofia no Centro Territorial de Educação Profissional do Sisal II – CETEP vinculado à secretaria de educação do estado da Bahia (SEC).

E-mail: [jcsrctf@gmail.com](mailto:jcsrctf@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1868-9198>

## Introdução

A filosofia de Nietzsche pode ser compreendida como uma interpretação da realidade que tem como pilar principal uma reflexão sobre a existência. Encontramos em seus escritos de juventude uma preocupação voltada para a necessidade de se colocar o conhecimento a serviço da vida e da ação. Em *Verdade e mentira no sentido extramoral*, Nietzsche aponta o carácter enganador do intelecto que ao privilegiar o conhecimento acaba por desprestigiar a vida. Na interpretação de Nietzsche, o conhecimento serviria aos debilitados para se conservarem, uma invenção que almeja conservar indivíduos fragilizados numa condição de decadência.

Mais adiante nos seus escritos de maturidade, a noção de vida está intimamente vinculada a uma concepção de luta, o conflito está presente desde o nível celular nos diversos impulsos que compõe o ser humano, e que não cessa no âmbito orgânico, a luta dos diversos impulsos manifesta-se no pensamento, na vida social e individual. Para Nietzsche a vida se manifesta através do conflito, da luta. Negar à vida esse aspecto fundamental não é nada mais que um sintoma de desagregação dos instintos, uma decadência fisiológica que mascara um nojo pelo mundo ao qual o filósofo relaciona ao ideal ascético.

Levando em conta essa interpretação nietzschiana, a vida ascética se volta contra a própria vida, pois a interpreta como um erro, o mundo é um equívoco junto com o corpo e seus instintos. O asceta sofre de desgosto de si e busca um além como porto seguro. A autocontradição se dá na negação da vida enquanto vontade de potência que anseia por expansão e não cessa de querer, o que leva Nietzsche a dizer na *Genealogia da moral* que os ascéticos preferirão a querer o nada a nada querer. Em síntese, este artigo tem como objetivo, demonstrar a concepção de vida proposta por Nietzsche, marcada pelo fluxo de conflitos e, por outro lado, analisar o ideal ascético como autonegação da vida.

## Vida e filosofia

A lição geral dos primeiros escritos de Nietzsche (*Considerações extemporâneas*) pode ser resumida na ideia de que é preciso colocar o intelecto a serviço da vida. Na sua segunda consideração, *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche combate a forma moderna dos “estudos históricos” como disciplina acadêmica, uma vez que estes foram reduzidos a mera erudição. Essa extemporânea “[...] abre-se com uma advertência: precisamos cultivar a história em função dos fins da vida” (MARTON, 2016, p. 412). A história estando a serviço da vida e da criação de novos valores, dirá Nietzsche, abre caminho para o vir a ser de uma nova cultura, ou seja, contribui efetivamente para a vida e para a saúde de um povo, do homem e da própria cultura. “Isto é, precisamos da história para a vida e para a ação, e não para uma cômoda renúncia da vida e da ação [...]” (NIETZSCHE, 2014, p. 30). Ainda no caminho do carácter prático do pensamento do filósofo alemão, na terceira consideração extemporânea *Schopenhauer como educador*, Nietzsche deixa explícito a necessidade de se unir vida e filosofia:

A única crítica da filosofia que é possível e que também prova algo, a que faz a tentativa de viver segundo ela, nunca foi ensinada nas universidades, mas sempre a crítica de palavras por meio de palavras (NIETZSCHE, 2020, p. 104).

A filosofia é compreendida por Nietzsche como exercício de vida e não como mero jogo de palavras e erudição. Seja no ensino de filosofia nas universidades ou nas demais áreas que compõe a cultura, o caminho que se deve trilhar é sempre o caminho da vida. Já nos textos de maturidade, Nietzsche identifica vida à vontade de potência, em *Assim falou Zaratustra* o filósofo escreve: “somente, onde há vida, há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – assim vos ensino – vontade de potência!” (NIETZSCHE, 1996, p. 223). O conceito de vontade de potência, apresentado pela primeira vez no *Zaratustra*, será utilizado por Nietzsche como sinônimo de vida. A vontade de potência como vontade orgânica de expansão e intensificação de si não se limita, para Nietzsche, ao âmbito humano, encontra-se em todo ser vivo, nas células, tecidos, órgãos e nos múltiplos seres microscópicos que compõe os organismos na grande árvore da vida. O corpo é um processo instável de conflitos entre impulsos ou forças em permanente tensão: “Com o combate, uma célula passa a obedecer a outra mais forte, um tecido submete-se a outro que predomina, uma parte do organismo torna-se função de outra que vence – durante algum tempo” (MARTON, 2010, p. 50). Servindo como parâmetro explicativo dos fenômenos biológicos, Nietzsche amplia a aplicação do conceito de vontade de potência utilizando-o como parâmetro para análise de fenômenos psicológicos e sociais.

A interpretação da vida como vontade de potência se recusa a aceitar as interpretações das teorias do meio que supervalorizam as influências externas. A exemplo do princípio Malthusiano, pressuposto da seleção natural de Charles Darwin, quando afirma que a luta pela existência se dá pela maior quantidade de recursos para a subsistência e conservação dos indivíduos que tem como fim a perpetuação das espécies. Para o filósofo alemão, a conservação ou a adaptação como ensina Darwin, é apenas um aspecto secundário da vontade de potência que não a substitui, “um investigador da natureza deveria sair de seu reduto humano: e na natureza *não predomina* a indigência, mas a abundância, o desperdício, chegando mesmo ao absurdo” (NIETZSCHE, 2001, p. 243-244<sup>1</sup>). Viver é basicamente expandir-se, lutar, mas sem uma finalidade nem objetivo. A luta estabelece hierarquias, vencedores e vencidos, quem manda em quem obedece, ou seja, uma célula assimila outra, um impulso subjuga outro mais franco, o combate é inerente a própria existência. A partir dessa concepção, a noção de vida para Nietzsche passará a constar no procedimento genealógico intimamente ligado a noção de valor.

---

<sup>1</sup> Doravante, todos os grifos nas citações desse artigo, pertencem ao seu autor e estão contidos nas obras utilizadas.

## A moral ascética

Podemos dizer que a característica fundamental do pensamento de Nietzsche se apresenta como crítica radical da moral. O método genealógico se configura como uma investigação da origem dos valores no vir a ser histórico, uma vez que demonstra que os valores não possuem uma existência fixa e independente em si, mas foram criados em determinado tempo histórico pelo homem. Os valores, em resumo, são interpretações do homem introduzidas na sua compreensão do mundo e de tudo que o rodeia. Esse é basicamente o projeto genealógico nietzschiano, superar a concepção metafísica dos valores através da história dos valores morais. A importância do sentido histórico no projeto de crítica dos valores se torna visível na medida em que aniquila os fundamentos transcendentais dos valores e os colocam de volta no tempo e no espaço, ou seja, no lugar histórico e natural, onde os sentimentos morais nascem, modificam-se e são superados.

Operando com o procedimento genealógico, Nietzsche chega à conclusão de que a existência dos valores morais tem origem numa dupla oposição histórica: a moral dos senhores, marcada pelos instintos de vida, e por esse motivo uma moral sadia e afirmativa da existência; e a moral dos escravos, marcada por valores niilistas, negadores dos instintos, em outras palavras, uma moral antinatural, oriunda do ressentimento. Como um afeto oriundo do ódio impotente, o ressentimento é caracterizado por Nietzsche com uma vontade de vingança, mas é uma vingança que não chega às vias de fato, em outras palavras, é uma vingança que não vinga e que procura uma compensação imaginária para reparar uma ofensa. Sua atividade é sempre uma reação, nunca uma criação espontânea de valores, reação e sentimentos de ódio e vingança para valores que já estão estabelecidos. É essa disposição de reagir a um outro e interpretar valores afirmadores da vida como expressão da maldade, como falta de compaixão, a força como imoralidade, que caracterizará o ressentimento. Detentores de um profundo ódio, segundo Nietzsche, os judeus escravizados foram os primeiros a inverter a equação da moral nobre que significava: bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses, pela moral dos escravos invertida: bom = sofredor = pobre = indefeso = humilde. É nesse momento, segundo Nietzsche, que teve início a inversão de valores aristocráticos em valores antinaturais do ressentimento. No *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche caracteriza os dois tipos antitéticos de moral.

Todo naturalismo na moral, ou seja, toda moral sadia, é dominado por um instinto de vida – algum mandamento da vida é preenchido por determinado cânon de “deves” e “não-deves”, algum impedimento e hostilidade no caminho da vida é assim afastado. A moral antinatural, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, pelo contrário, justamente contra os instintos da vida – é uma condenação, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos (NIETZSCHE, 2006, p. 36).

Do ponto de vista extramoral, a valoração escrava carrega em si o ódio impotente contra a vida, contra tudo que afirma e é positivo na vida: “Quando diz que ‘Deus vê nos corações’, ela diz Não aos mais baixos e mais elevados desejos da vida, e toma Deus como inimigo da vida (NIETZSCHE, 2006, p. 36). Um dos aspectos do niilismo aparece na forma do ideal ascético, que tem como característica interpretar a vida como um erro, como apenas um meio para outra vida verdadeira no além. O ascetismo, segundo Nietzsche, é o sintoma do cansaço que necessita depreciar este mundo e criar “outro” melhor, uma invenção que tem como pressuposto um esgotamento da vida, um cansaço que impera na moral.

Não há sentido em fabular acerca de um “outro” mundo, a menos que um instinto de calúnia, apequenamento e suspeição da vida seja poderoso em nós: nesse caso, *vingamo-nos* da vida com a fantasmagoria de uma vida “outra”, “melhor” (NIETZSCHE, 2006, p. 36).

Desqualificar e negar a vida pressupõe a existência de outra vida melhor em um mundo suprassensível. É nesse sentido que o ideal ascético se torna, para Nietzsche, o fio condutor da moral niilista judaico-cristã: a moral cristã não é a afirmação de uma vontade, mas a negação e envenenamento de tudo que é nobre e puro no mundo. Niilismo aqui significa o declínio do poder que se é, ou seja, signo de fraqueza e esgotamento, meio através do qual observamos os valores se desvalorizarem e perderem sua autoridade reguladora.

O instinto niilista diz não; sua mais branda afirmação é a de que o não ser é melhor do que o ser, que a vontade de nada tem mais valor do que a vontade de vida; sua afirmação mais rigorosa é a de que, se o nada é a deseabilidade suprema, essa vida, como oposição a isto, é absolutamente desprovida de valor – reprovável... (NIETZSCHE, 2012, p. 474).

No niilista, os instintos de decadência suprimem os instintos de expansão e crescimento. O nada se torna algo desejável, o que predomina é uma vontade de depreciar a vida e não de afirmá-la. Essa é a moral da sociedade moderna da qual Nietzsche está fazendo sua crítica, uma moral no qual os valores supremos deslegitimam a vida, são antivalores. Isso justifica a defesa de Nietzsche de uma moral aristocrática que combata a decadência da moral escrava e ressentida judaico-cristã.

Moral para Nietzsche significa uma interpretação dos afetos, sustentada por um sistema de valores que indica, através de indícios, as condições de vida de um povo ou cultura, “[...] em suma, também as morais não passam de uma *semiótica dos afetos*” (NIETZSCHE, 1992, p. 87). Como são interpretações de múltiplos afetos, existiram múltiplos códigos morais que vicejaram, cresceram e morreram na história natural da moral. Quando Nietzsche se propõe a criticar a moral, ele se refere ao código moral vigente na cultura ocidental, ou seja, a moral judaico-cristã que se pretende o código moral absoluto e verdadeiro. Isso significa que houve em outros momentos históricos, povos e culturas que estabeleceram códigos morais que não constrangiam a vida. Assumir uma postura para além do bem e do mal significa assumir uma postura para além da moral vigente na sua forma ascética, ressentida, que se desdobra em crítica

contra a má consciência que transforma fortes em fracos, crítica aos desejosos de um outro mundo e à moral de inspiração platônica, incorporada pelos séculos pelo cristianismo.

No entanto, para além da moral vigente não significa ausência de valoração, o niilismo, ou seja, a normatividade decadente é um problema, mas a crítica nietzschiana não procura a total ausência de valores, o filósofo escreve na genealogia: “[...] supondo que há muito tenha ficado claro o que *pretendo*, o que desejo com a perigosa senha inscrita na frente do meu último livro: ‘*Além do bem e do mal*’... Ao menos isto *não* significa ‘Além do bom e do ruim’” (NIETZSCHE, 1998, p. 45). A interpretação da vida como vontade de potência se apresenta como elemento decisivo, pois significa conceber a vida como força abundante, como potência capaz de unificar valores, vida e a felicidade.

O que é bom? – Tudo o que eleva o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder no homem. O que é mau? – Tudo o que vem da fraqueza. O que é felicidade? – O sentimento de que o poder cresce, de que uma resistência é superada. (NIETZSCHE, 2007, p. 11).

Do ponto de vista extramoral, amoral ou imoral, postura assumida por Nietzsche em sua avaliação dos valores vigentes, o bom é identificado com tudo aquilo que aumenta o sentimento de vida, de poder, de satisfação consigo mesmo. O mau é tudo que enfraquece, impede o crescimento, a expansão da potência. A genealogia da moral ao enfatizar os instintos, as forças, a vontade de potência, toma a vida como critério de avaliação, “é preciso estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de apreender essa espantosa *finesse* [finura], a de que o *valor da vida não pode ser estimado*” (NIETZSCHE, 2006, p. 18). A vida é o único critério que se impõe, pois é ela própria que estabelece os valores. Definido este critério, todo o pensamento de Nietzsche pode ser lido como uma interpretação da realidade a partir de uma reflexão sobre a vida – vida entendida e articulada com a ideia de conflito, crescimento e a intensificação de si.

### Vida e vontade de potência

Vida e vontade de potência se identificam na filosofia de Nietzsche. Para ele viver é fundamentalmente querer mais potência: “o que o homem quer, o que cada parte mínima de um organismo vivo quer é um mais de poder” (NIETZSCHE, 2012, p. 324). A vontade de potência como vontade orgânica se configura como o emaranhado de forças que compõe o organismo de forma plural. O poder aqui não se identifica com conservação, mas, acúmulo de potência, uma vez que a conservação já é para Nietzsche um sintoma de declínio. No aforismo § 349 de *A gaia ciência*, o filósofo faz uma crítica ao filósofo Espinoza e a sua interpretação do Conatus:

Querer preservar a si mesmo é expressão de um estado indigente, de uma limitação do verdadeiro instinto fundamental da vida, que tende à *expansão do poder* e, assim querendo, muitas vezes questiona e sacrifica a autoconservação. Veja-se como sintomático que alguns filósofos – por exemplo, Spinoza, que era tuberculoso – consideravam, tinham

de considerar decisivo justamente o chamado instinto de autoconservação: eles eram, precisamente, homens em estado de indignação (NIETZSCHE, 2001, p. 243).

Sem entrar no mérito se Nietzsche se equivocou na compreensão da ideia de autoconservação espinozana, a recusa da noção de conservação se estende até a luta pela existência darwiniana. “A luta pela existência é apenas uma *exceção*, uma temporária restrição da vontade de vida; a luta grande e pequena gira sempre em torno da preponderância” (NIETZSCHE, 2001, p. 244). O elemento da luta, do caráter agonístico da realidade está intimamente relacionado com a concepção vida. Por isso mesmo, onde há vida, há conflito, há ofensa, há vontade de domínio, há avaliação.

A partir de *A gaia ciência*, Nietzsche desenha com traços mais finos sua concepção de vida, segundo a qual “viver – é continuamente afastar de si algo que quer morrer; viver – é ser cruel e implacável com tudo o que em nós, e não apenas em nós, se torna fraco e velho” (NIETZSCHE, 2001, p. 77). Para além do conflito social e psíquico, a luta está nos impulsos que combatem com violência e subjuga uns aos outros “é virtuoso que uma célula se transforme numa função de outra célula mais forte? Ela tem de fazê-lo. E é mau que a mais forte a assimile? Ela tem de fazê-lo também; é necessário que o faça, pois procura abundante substituição e quer regenerar-se” (NIETZSCHE, 2001, p. 143). A luta ocorre em todos os âmbitos da vida e realiza um distanciamento entre vida e moral ascética. A vida, nesta perspectiva, realiza a sua essência ao subjugar, agredir e conquistar o que é mais fraco. O filósofo escreve no aforismo § 259 de *Além do bem e do mal*.

Abster-se de ofensa, violência, exploração mútua, equiparar sua vontade à do outro: num certo sentido toco isso pode tornar-se um bom costume entre indivíduos, quando houver condições para isso (a saber, sua efetiva semelhança em quantidades de força e medidas de valor, e o fato de pertencerem a um corpo). Mas tão logo se quisesse levar adiante esse princípio, tomando-o possivelmente como princípio básico da sociedade, ele prontamente se revelaria como aquilo que é: vontade de negação da vida, princípio de dissolução e decadência. Aqui devemos pensar radicalmente até o fundo, e guardarmo-nos de toda fraqueza sentimental: a vida mesma é essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do que é estranho e mais fraco, opressão, dureza, imposição de formas próprias, incorporação e, no mínimo e mais comedido, exploração [...] (NIETZSCHE, 1992, p. 170-171).

Ter que combater por meio de valores morais o caráter conflituoso da vida, ou seja, os instintos, é a fórmula da decadência. A moral, mais precisamente, a normatividade oriunda do ressentimento é vista como antinatural para Nietzsche porque ela se posta como uma barreira contra os instintos primordiais da afirmação da vontade de potência, contra os instintos primordiais da vida. O niilismo e a vontade de nada do ideal ascético são sintomas de desagregação fisiológica, a própria história da civilização ocidental é, para Nietzsche, a história da decadência, da vontade de verdade socrática, do platonismo, da negação da vida tornada religião com o cristianismo, da arte wagneriana e a da metafísica.

A “exploração” não é própria de uma sociedade corrompida, ou imperfeita e primitiva: faz parte da essência do que vive, como função orgânica básica, é uma consequência da própria vontade de poder, que é precisamente vontade de vida. Supondo que isto seja uma inovação como teoria — como realidade é o *fato primordial* de toda a história: seja-se honesto consigo mesmo até esse ponto! (NIETZSCHE, 1992, p. 171).

Tudo que vive é um campo de batalha, suprimir da vida seus processos vitais é um procedimento niilista que estimula a decadência. A moral judaico-cristã é, nesse sentido, enquanto hierarquia presente nos impulsos que forjam valores, uma obstrução do crescimento da vida, em suma, a interpretação moral da vida é negar a existência em suas funções mais básicas, ou seja, a luta, o conflito. O bom na moral do ressentimento é precisamente o que nega o conflito. Por outro lado, a vontade do homem nobre é livre pois pode criar seus próprios valores, um dizer sim ao agonismo, um dizer sim ao corpo e os instintos em sua inteireza, querer a mudança, desejar o devir.

No aforismo 125 intitulado *o homem louco de A gaia ciência*, Nietzsche sintetizou bem o sentimento de perda dos valores supremos na fórmula: “Deus está morto!”. A civilização ocidental caminhou para a total falta de referências, o niilismo bate à porta, embora o descrédito dos valores absolutos cause um cansaço no homem moderno, inversamente, o mesmo sentimento de desorientação é o que origina o niilismo ativo, caracterizado como uma alegria que surge, paradoxalmente, da falta de sentido. Esse tipo de niilismo aparece na esteira da necessidade de ter que criar novas interpretações para as coisas, sobretudo, criar novos valores. A proposta entrevista por Nietzsche, ou seja, a substituição da moral vigente, pela moral que afirma a vida como expressão da moral do homem livre dos vermes do ressentimento, é uma proposta de retomada da vontade de potência inerente a própria existência. Esta proposta, possui um forte elemento orgânico-biológico, uma vez que a vida é puramente vontade de: expandir-se, vontade de afirmar-se como vida. Viver, pura e simplesmente, como exteriorização do que o homem possui de orgânico, sem a necessidade de nenhuma outra virtude que lhe seja externa e metafísica, eis a forma de superação do ressentimento e retomada da potência de vida. Uma proposta para homens de rebanho? Certamente, não! Mas é uma proposta possível para aqueles dispostos a criar novos valores, novos modos de existência, qualquer indivíduo que assuma a sua vida como uma criação e exteriorização da vida, qualquer um capaz de transformar tudo aquilo que o ameaça em ampliação de vida.

## Conclusão

Nos seus escritos de maturidade, Nietzsche identifica a vida com a vontade de potência, que em suas linhas fundamentais, se opõe aos valores da moral ascética. Vida, para o Nietzsche de *Além do bem e do mal* é primordialmente: agressão, apropriação, dureza, assimilação do que é mais fraco, ou seja; conflito. A luta é o fundamento de tudo que vive e a vontade de potência entendida como função orgânica em suas configurações saudáveis, é a manifestação da vontade de vida. No procedimento genealógico, a

noção de vida passa a ser o critério de avaliação dos valores, pois é o único critério que não pode ser avaliado e que deve ser levado em consideração ao avaliar se uma moral é sintoma de saúde ou sintoma de decadência de uma cultura.

Já o conceito de ideal ascético aparece no terceiro capítulo de *Genealogia da moral* como uma das fases do niilismo, uma versão moral da vontade de conservação da vida como um sintoma de fraqueza e decadência. Mesmo almejando como fim a conservação numa configuração de impulsos enfraquecida, o ideal ascético se manifesta ainda como vontade de potência. Independentemente dos valores promulgados por uma moral, a vida não deixa de querer se expandir. Entretanto, é uma vontade de potência que não se reconhece em suas estruturas saudáveis, não é uma afirmação de si mesma, mas uma reação contra a própria vida como uma vontade negativa que necessita considerar a existência um erro e propor uma outra no lugar.

## REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, F. *Fragments Póstumos 1887-1889*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. [Volume VII].

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, F. *Schopenhauer como educador*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2020.

NIETZSCHE, F. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. São Paulo: Hedra, 2014.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. 3 ed. Belo Horizonte: Ufmg, 2010.

NIETZSCHE, F. (ORG.). *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2016.

Recebido em: 15 de maio de 2022.  
Aprovado em: 02 de junho de 2022.